

«UM MUNDO SEM REGRAS»¹

Ana Cristina Tavares

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

O escritor franco-libanês Amin Maalouf publicou em França, em fevereiro de 2009, o seu mais recente ensaio intitulado no original «Le dérèglement du monde», que lemos com grande interesse. No nosso país, a editora Difel publicou a tradução dessa obra com o título «Um Mundo Sem Regras». Uma vez que lemos o original francês apenas nos pronunciaremos sobre o conteúdo da obra saudando desde já a sua rápida tradução e edição no nosso país. Apenas um reparo ao título, que apesar de correctíssimo, em nosso entender ganharia toda a pertinência cultural e intertextual se fosse traduzido, por exemplo, como «O Desconcerto do Mundo». Com efeito, o vocábulo «desconcerto» tão recorrente na poesia camoniana, e não só, dá metaforicamente conta da abrangente temática deste ensaio de Maalouf.

Antes de nos debruçarmos sucintamente sobre este ensaio, que nos sejam permitidas algumas breves considerações sobre o autor. Este ex-jornalista, filho de pais jornalistas e professores ficou conhecido como chefe de redação e depois editorialista da publicação *Jeune Afrique*. Árabe católico, nascido em Beirute, vivendo em França desde 1976, tem procurado fazer pontes entre Oriente e Ocidente, mais especificamente entre a Europa e o mundo árabe e está traduzido em várias dezenas de línguas. Maalouf é bem conhecido entre nós tanto pela sua obra ficcional como ensaística. Não esqueçamos que atualmente estão publicados mais de uma dezena de títulos do autor em Portugal.

Quem não se recorda do ensaio publicado em 1983 intitulado «As Cruzadas Vistas pelos Árabes»? Nessa obra, o autor percorria a galeria de personagens que participaram na denominada «Guerra Santa» mostrando o entrechoque civilizacional entre a Europa ocidental cristã e o Médio-Oriente muçulmano, e fazendo uma lúcida releitura desse conflito multissecular. Outro ensaio clássico mais recente, que aliás faz parte dos programas de inúmeras universidades, é «Identidades Assassinas», publicado em 1998, e em que o autor nos dá uma lição de indignação perante as crispações identitárias que tantos conflitos têm semeado. Outras obras, já de âmbito ficcional e raízes históricas, que não podem cair no olvido são, por exemplo, *Samarcanda*, *Leão - O Africano* ou *O Rochedo de Tânios*, todas traduzidas para a língua portuguesa, tendo o último romance acima mencionado sido galardoado com o prestigiado prémio Goncourt, em França.

1 Amin Maalouf, «Um Mundo Sem Regras», trad. Carlos Aboim de Brito, coleção Sociedade em Debate, Lisboa, Difel, 2009.

Centremo-nos então no ensaio «Um mundo Sem Regras», publicado em 2009, que constitui um diagnóstico terrível dos males que assolam o nosso planeta, mostrando o esgotamento em que o mundo atual mergulhou. O autor mostra uma vasta cultura e procede a uma análise refinada dos fenómenos, mas sempre numa linguagem e estilo claros e acessíveis. Com a devida pertinência enuncia os factos e os problemas dando o alerta sobre o estado lamentável em que nos encontramos a nível civilizacional, económico-financeiro, ou climático e ético.

Maalouf, muito sabiamente, defende que há só uma civilização resultante de valores universais e que deve preservar as diferenças culturais dos povos. Neste livro, o tom de urgência é constante pois, segundo o autor, chegámos a um ponto em que só temos duas vias possíveis: perecemos juntos ou salvamo-nos juntos. Esta visão pessimista surge entrecortada por alguns laivos de esperança, caso saibamos valorizar o que nos une e lutemos pela sobrevivência de todas as imensas conquistas da humanidade. Depois da falência do comunismo, do capitalismo, do ateísmo e da religião, o séc. XXI poderá ser o da cultura ou não será nada, mergulhando a humanidade e o planeta inexoravelmente no abismo:

Penso que estas civilizações [Ocidente e Mundo Muçulmano] atingiram os seus limites; que só trazem ao mundo as suas crispações destruidoras; que estão moralmente em falência, como o estão, aliás, todas as civilizações particulares que ainda dividem a humanidade; e que chegou o momento de as transcender. Ou nós conseguimos construir neste século uma civilização comum com a qual cada um possa identificar-se, unificada pelos mesmos valores universais, guiada por uma fé poderosa da aventura humana e enriquecida com todas as nossas diversidades culturais, ou perecemos juntos numa barbárie comum. (31)

Assim, de acordo com o autor, o Ocidente mostra-se pouco fiel aos seus valores morais e não foi capaz de os difundir apropriadamente e, por outro lado, temos o mundo muçulmano eternamente desconfiado e fechado num impasse histórico. Escutemos, pois, as sábias palavras deste humanista difusor da paz e da tolerância e ajamos em conformidade com as mesmas.